

Thinking Gender in the Translation of Femslash Fanfictions

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-06

Bruna Navarrina de Moura *

RESUMO: Este trabalho consiste na seleção de trechos de *fanfictions* com temática *queer* escritas em inglês e na proposta de soluções tradutórias para o português dos trechos específicos, comentando possíveis efeitos de sentido que podem ser obtidos. Nas traduções propostas para as oito sequências discursivas selecionadas, analisam-se os possíveis deslizamentos que podem ocorrer, apontando-se o que isso pode implicar na recepção da comunidade *queer* brasileira. Os recortes para a análise são a presença de referências culturais *queer* e o uso de termos como 'gay', 'gayness', 'lesbian' e 'lesbianity'. Através dos exemplos analisados, conclui-se que as sugestões tradutórias aqui propostas apresentam possíveis meios de reproduzir na tradução o que há de *queer* no texto de partida, tendo como objetivo tornar esses elementos visíveis à leitora de chegada, de modo que o elemento *queer* não se perca na tradução.

PALAVRAS-CHAVE: *Queer*. Fanfiction. Tradução. Formação Discursiva. Análise do Discurso.

ABSTRACT: This paper consists in selecting excerpts of queer themed fanfiction written in English and proposing solutions for their translation to Portuguese, along with comments on the possible effects of meaning that may be obtained. An analysis of the translations proposed for the eight discursive sequences targets the possible slips that may occur and highlight what they may imply to the reception of the *queer* Brazilian community. The analysis criteria were the presence of queer cultural references and the use of terms such as 'gay', 'gayness', 'lesbian', and 'lesbianity'. Based on the examples analyzed, it is concluded that the solutions proposed for the translations present possible means for reproducing the queerness of the source text in the target text, making these elements visible to the target reader in an attempt to assure that their queerness is not lost in translation.

Keywords: Queer. Fanfiction. Translation. Discursive Formation. Discourse Analysis.

* Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8649-8529>. E-mail: [bruna.navarrina\(AT\)gmail.com](mailto:bruna.navarrina(AT)gmail.com).

1 Introdução

Fanfictions são histórias escritas por fãs, baseadas em obras preexistentes, e postadas na internet de forma gratuita. Não há limites para a imaginação dos(as) fãs, o que faz com que essas histórias tomem diversos rumos narrativos. Entretanto, para este trabalho, focarei nas histórias onde encontrei a temática *queer*, principalmente quando essa temática não está presente na obra em que a *fanfiction* é baseada. Isto é, as obras inspiradoras não retratam relacionamentos ou personagens fora da heteronormatividade, o que é bastante criticado devido a não-representatividade de sexualidades dissidentes, ou *queer*. Dito isso, os(as) fãs recorrem a *fanfictions* para reimaginar suas histórias preferidas, porém com a representatividade que desejam ver. Portanto pretendo observar as *fanfictions* enquanto recurso que os(as) fãs encontraram para reimaginar suas histórias preferidas, criando sua própria forma de representatividade.

Especificamente para este trabalho, selecionei *fanfictions* que apresentam relacionamentos entre mulheres. No universo da *fanfiction*, histórias com relacionamentos entre personagens do mesmo sexo são chamadas de *slash*, nome que vem da forma como começou a ser grafada a representação da relação entre os personagens, ambos masculinos, Spock e Kirk, de *Star Trek*, com os nomes escritos com uma barra (*slash*, em inglês) no meio, “(Kirk/Spock ou K/S)” (JENKINGS, 1992). Por mais que a definição de *slash*, segundo o autor citado, não defina os gêneros das personagens envolvidas, o relacionamento entre personagens femininas é particularmente denominado *femslash*.

O presente trabalho seleciona trechos de *fanfiction* escritas em inglês e propõe soluções tradutórias para o português. As histórias aqui selecionadas retratam personagens e relacionamentos *queer*, isto é, que fogem da heteronormatividade. Como Jagose (1996) explica, o termo *queer* não tem uma definição única, para este trabalho, uso a definição da autora de que o *queer* é aquilo “que mantém uma relação de resistência ao que constitui o normal¹” (p. 99), principalmente em relação às relações de sexo, sexualidade e gênero. Para esta análise, foquei em relações homoafetivas entre mulheres, principalmente em como são representadas nessas narrativas. Considerei que esse tipo de abordagem é importante devido

¹ No original: “queer maintains a relation of resistance to whatever constitutes the normal”.

ao fato de estudos homossexuais geralmente serem voltados aos homens gays (GONÇALVES; DE CARVALHO, 2019), além de os estudos sobre *fanfiction* focarem histórias que retratam relações entre homens (RUSSO, 2017).

Dessa forma, o objetivo do trabalho é sugerir soluções de tradução para trechos que sejam sensíveis a questões queer, tendo os Estudos Queer em articulação com conceitos da Análise do Discurso como base. Como será desenvolvido na próxima sessão,

2 Pressupostos teóricos

Harvey (2000) considera que textos que apresentam relações ou personagens *queer* são relevantes para o processo de identificação de uma comunidade leitora, que resulta na formação de uma comunidade que se autoidentifique como *queer*. Considerando o texto da *fanfiction* de temática *queer* como constitutivo de uma identidade *queer* em uma dada comunidade, a tradução desse texto pode ser constitutiva de uma identidade *queer* na cultura de chegada (HARVEY, 2000). Dessa forma, a tradução de um texto *queer* bem-sucedida é aquela que serve a uma comunidade *queer* em seu contexto de chegada. Nesse caso, analisarei os desdobramentos que a tradução pode ter como determinante da produção de sentidos nessa comunidade.

Apoiando a pesquisa nos Estudos de Tradução, considero minha posição de tradutora como produtora de texto e de discurso (AUBERT, 1993), além de retomar as críticas e ressignificações do conceito de fidelidade tradutória. Como minha preocupação é com a recepção desse texto na comunidade de chegada, retomo o conceito de fidelidade como posto por Aubert (1993), de que a tradutora, em vez de dever fidelidade ao texto de partida, tem “um compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor se faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades” (p. 75). Ou seja, em vez de ter como objetivo a aproximação do texto de chegada ao texto de partida, nas traduções aqui propostas o objetivo é que a tradução sirva ao leitor do texto de chegada, tal como as expectativas deste são conjecturadas pela tradutora.

Considerar que a tradução é um espaço de produção de discurso e, portanto, de sentido, é importante para reafirmar um lugar reivindicado através das críticas de tradução feministas.

Trago para a pesquisa o conceito de tradutora presente ativamente no texto de tradução (GODARD, 1989), justamente para defender meu posicionamento de tradutora frente essa temática *queer*.

Além disso, da crítica feminista emerge a crítica *queer*, que problematiza a tradução de textos *queer* ao longo da história, refletindo sobre quando a tradução não serve à comunidade *queer* (HARVEY, 2000). Por meio da crítica de tradução *queer*, defendo, então, uma tradução queerizante das *fanfictions* selecionadas. Como descrita por Démont, a tradução queerizante (*queering translation*) “foca em reconhecer a força disruptiva [do conteúdo queer] e recriá-la no texto de chegada²” (DÉMONT, 2018, p. 163).

Pelo viés discursivo, analiso quais os desdobramentos que o posicionamento de tradutora pode ter nos efeitos de sentido produzidos, dependendo da formação discursiva (FD) em que me inscrevo. Trata-se aqui da formação discursiva tradutória (FD_{Trad}), conforme definida por Henge (2015), que regula os saberes produzidos em relação à tradução, mas que também se relaciona com outras FDs, que podem estabelecer “tanto relações de aliança como de conflito entre as FDs” (MITTMANN, 2003, p. 52). É sobre essas relações entre FDs que meu foco recairá, pois é o movimento do sentido entre FDs que pretendo observar. Defendendo que a tradução da *fanfiction* deve servir à comunidade de chegada do mesmo modo que à comunidade de partida, a tradução deve inscrever-se também em uma FD_{queer}, isto é, uma FD que apresenta os saberes da comunidade *queer*. Portanto, examino os possíveis movimentos de sentido que podem estar presentes na tradução, atentando para que esse sentido não se desloque para uma FD que contradiga os conhecimentos da comunidade *queer*, ou seja, para uma FD heteronormativa.

Pessoalmente, essa reflexão vem a explorar questões observadas durante a minha experiência como leitora de *fanfictions*, visto que essas histórias foram essenciais para meu processo de identificação. Primeiramente, costumava ler *fanfictions* que retratavam relacionamentos heterossexuais que geralmente estavam presentes nas narrativas oficiais, mas após descobrir os relacionamentos (*ships*, forma abreviada de *relationships*) que fugiam à heteronormatividade, encontrei-me em um lugar de identificação. O encontro com essas

² No original: “[...] focuses on acknowledging the disruptive force and recreating it in the target language”. Todas as citações de obras consultadas em outra língua foram traduzidas por mim.

narrativas *queer* me fez perceber que havia um outro tipo de narrativa, alternativa à norma heterossexual, com a qual me identificava, mas sobretudo, me fez perceber que não me identificava com o discurso dominante heteronormativo.

Nesse universo, autoras ou autores publicam suas histórias de forma independente, que são muitas vezes traduzidas de forma independente também. Além disso, há uma hegemonia de publicações em inglês, sendo muito comum o inglês ser a segunda língua da autora ou autor. Como leitora brasileira, acho interessante esse movimento espontâneo da prática de traduções nas plataformas de *fanfictions*. Dessa forma, é importante explorar como o discurso das traduções é regulado, considerando que esses textos são traduzidos pela comunidade *queer* para a comunidade *queer*. Portanto, esse estudo proporciona um questionamento dos espaços que os tradutores de *fanfictions* ocupam, trazendo, de forma voluntária, essas histórias para os fãs/leitores brasileiros.

3 Metodologia

Este trabalho começa pela procura e leitura das histórias nas plataformas *FanFiction*³ e *Archive of our own*⁴, escritas em língua inglesa. As histórias selecionadas apresentam relacionamentos homoafetivos entre mulheres que não existem originalmente na obra em que se baseiam. Esta é uma característica recorrente do gênero de *fanfiction*: os(as) fãs da obra veem potencial para que um relacionamento, na maioria das vezes homoafetivo, aconteça na narrativa oficial, mas ao perceber que isso não se realizará, recorrem às *fanfictions* para escrever as histórias da maneira como imaginam. A criação dessas relações *queer*, ou a queerização de personagens, pode ser vista como um recurso para suprir a falta de representatividade e frequentemente aparece como resposta ao que é conhecido como *queerbaiting*: a contextualização implícita ou explícita de uma relação *queer*, com a intenção de atrair fãs *queer* para promover a obra, filme, série, muitas vezes sem a intenção de concretizá-la (BRIDGES, 2018).

Após procura e leitura das *fanfictions*, selecionei quatro histórias das quais recortei oito trechos (sequências discursivas). As *fanfictions* selecionadas apresentam questões a) sobre

³ Cf. <http://fanfiction.net>.

⁴ Cf. <http://archiveofourown.org>.

referências culturais *queer* entre as culturas anglófonas de partida e a cultura brasileira, com a finalidade de propor traduções refletindo sobre as implicações de manter as referências do texto de partida (TP) ou adaptá-las à cultura de chegada; e b) sobre escolhas lexicais dentro do campo das sexualidades LGBTQ+, a fim de investigar as implicações dos termos escolhidos em relação aos possíveis efeitos de sentido que podem ser evocados nos textos de chegada (TC) e de partida, considerando especialmente possíveis deslizamentos entre TP e TC.

Ao discutir sobre a tradução das *fanfictions*, Reis e Leal (2014) mencionam que o próprio processo não seria apenas uma reescrita, mas sim uma reescrita da reescrita.

Traduzir fanfictions seria, então, uma tarefa de dupla reescrita. Num primeiro plano tem-se a adaptação de uma obra original numa história paralela, dentro de uma comunidade fãs e disponível online para que todos possam ler e comentá-la. O segundo momento de reescrita acontece a partir do momento que o leitor-autor dessa história autoriza a tradução dela numa outra língua. (REIS; LEAL, 2014, p. 6)

Essa tradução da reescrita geralmente é recebida positivamente por quem lê, considerando que as histórias são traduzidas e disponibilizadas gratuitamente, como sugere a pesquisa de Reis (2015),

[i]ndependente de esses grupos de tradutores [...] serem fiéis ou não ou terem pouco conhecimento em língua inglesa, esse compartilhamento e meio colaborativo da *web* ainda parece atrair milhares de leitores que não se importam com quem traduz ou como traduz, apenas em ter todos os dias o capítulo da sua história favorita na tela do computador. (p. 52)

Portanto, não há muita atenção quanto à qualidade da tradução da *fanfiction*, além de essas terem significativamente menos acessos que seus textos de partida.

Para as propostas de tradução, mobilizo o conceito de *tradautoria* de Mittmann (2012, p. 69), que consiste na especificidade da autoria da tradução, que se constrói no processo tradutório. Através desse conceito, olhamos para o que chamamos de desafios de tradução. Aqui, os desafios são aqueles que se colocam perante quem traduz, exigindo um posicionamento que implicará nos possíveis efeitos de sentido levantados pela tradução. Quem traduz é responsável pela autoria da tradução, e isso se torna perceptível quando analisamos os desafios e as tomadas de decisões propostas nessa seção.

Considerando a especificidade da *fanfiction femslash*, nas propostas de tradução, levamos em conta o efeito que pretendo na comunidade leitora que consome esses textos. Assim, passamos ao conceito de formações imaginárias como proposto por Pêcheux (1997,

p. 82), que “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Ainda segundo o autor, o evento discursivo conta com a antecipação “do que o outro vai pensar”. Nesse caso, o processo tradutório conta com a antecipação do que eu, como tradutora, penso que as leitoras querem ler e irão pensar do texto que eu propor.

Guiando a análise sob a luz da AD, e principalmente levando em consideração as condições de produção, defendo que a tradução seja feita, assim como presumo ser a escrita do texto de partida, sob a formação discursiva *queer*. Pensando que o texto de chegada deve servir à comunidade queer e, portanto, a nossa leitora imaginada, busco um movimento que vai contra aqueles que aconteceram em casos como o que Harvey (2000) mostra, onde sonetos de Shakespeare foram traduzidos de modo a “heterossexualizar” o poema:

Tourey mostra como versões primeiras dos sonetos endereçados a um jovem homem foram traduzidas com o gênero do endereçado trocado para o feminino. Ele atribui essa transformação às “demandas do modelo cultural rígido estabelecido pela cultura receptora” [...] Essa prática textual pouco provavelmente contribuiria para a formação de uma comunidade leitora homossexual autoidentificada na comunidade de chegada⁵. (p. 139)

Aqui vemos um exemplo de como a tradução serviu para subverter o conteúdo *queer* presente no texto. Sendo assim, busco um movimento que use recursos linguísticos para manter e reproduzir essa presença na tradução. Como podemos observar com o caso relatado por James (2011), onde a tradutora Susanne de Lotbinière-Harwood traduz a palavra francesa ‘*amante*’, que designa ‘amante’, flexionado no feminino, para a expressão em inglês ‘*shelove*’, exatamente para que a leitora identifique o feminino no texto.

4 Resultados

Nessa seção, examinaremos as sequências discursivas selecionadas junto às possibilidades de tradução e quais as implicações que essas traduções podem ter para a comunidade de chegada, considerando-se a comunidade *queer* brasileira.

⁵ No original: “Tourey shows how early versions of the sonnets addressed to a young man were translated with the addressee’s gender switched to female. He imputes this transformation to “the demands of the rigid cultural model laid down by the receptor culture” [...] Such textual practice is, of course, unlikely to contribute to the formation of a selfidentified homosexual reading community in the target community”.

4.1 Referências culturais *queer*

As sequências que apresentam referências culturais *queer* se apresentam um desafio pois o conhecimento da referência é importante para o significado daquela *fanfiction* em relação à cultura *queer* da cultura de partida.

Há algumas referências que considere que devem ser mantidas no texto de chegada, por se tratar de personagens e personalidades conhecidas mundialmente, como nas próximas SDs:

SD1: “Welcome to Sapphic Junipero,” Elena says, “population: crying gay women”. (SUNKELLES, 2018)

SD1Tp: — Bem-vinda a Sáfica Junipero — disse Elena, — população: lésbicas chorosas.

A SD1 faz referência a um episódio da série *Black Mirror* muito conhecido pela comunidade *queer* também no Brasil. Elena faz um jogo de palavras com o nome San Junipero (título do episódio), que é a cidade fictícia onde se passa o romance entre as duas personagens principais. A tradução de ‘*gay women*’ por ‘lésbicas’ será discutida na próxima sessão.

SD2: “Oh did you just... Little Miss Vanilla is going all Ellen on me?”. (FICTORIUM, 2010)

SD2Tp: — Ah, então você... A dona certinha tá dando uma de Ellen?

A SD2 é um trecho de um diálogo onde uma personagem, que havia se relacionado apenas com homens até o momento, revela à amiga que está apaixonada por uma mulher.

Já nas SDs seguintes, considere que seria necessária uma adaptação para que a referência faça sentido para a leitora brasileira.

SD3: “You can only turn gay if you’re a man who watches too much Will and Grace or The Golden Girls”. (KENDRICKCAMPS, 2017)

SD3Tp: — Você só vira gay se for um homem que ouve muito a Madonna e a Cher.

Nesse trecho da SD acima, considere necessária a mudança por se tratar de referências

antigas e pouco conhecidas na cultura popular brasileira. Portanto a solução aqui adotada foi substituir as referências a seriados antigos para duas cantoras possuidoras de carreiras que perpassam décadas, sendo relevantes ainda nos dias de hoje. Dessa forma, acredito que a leitora brasileira entenderá mais facilmente que se trata de duas referências pop geralmente associadas à cultura *queer*.

Na SD abaixo, algo similar acontece:

SD4: “Girl, I knew there was something Melissa Etheridge-esque about you!”.
(KENDRICKCAMPS, 2017)

SD4Tp: — Menina! Sabia que tinha algo de Maria Gadú em você.

Na SD4, temos uma referência a uma cantora americana abertamente lésbica, que não é muito popular no Brasil. Por isso acreditamos que uma adaptação seria necessária para que fizesse sentido. A escolha para uma cantora brasileira é feita considerando a liberdade da informalidade do próprio gênero da *fanfiction*, onde não há muita preocupação entre estratégias de domesticação ou estrangeirização, priorizando o efeito de sentido que teria na comunidade de chegada.

Essas escolhas se inscrevem no que Démont (2018) fala sobre a tradução queerizante. Visto que se pretende “reconhecer a força disruptiva [do conteúdo *queer*] e recriá-la no texto de chegada⁶” (DÉMONT, 2018, p. 163), não seria interessante manter as referências originais, pois causaria estranheza na leitora. Dessa forma, trocando as referências por algo que faça parte do conhecimento da comunidade *queer* de chegada, a brasileira, estaríamos procurando o mesmo efeito de sentidos de reconhecimento do TP.

4.2 Escolha lexical

As sequências desta categoria podem apresentar algum tipo de mudança de sentido ao se optar por uma ou outra palavra. O que mais chamou atenção foi a marcação de “lésbicas” e “mulheres gay”. Dizer que uma mulher é lésbica e dizer que ela é gay movem sentidos diferentes. Por isso, considerei os contextos para decidir se optaria pela tradução ‘gay’ ou ‘lésbica’.

⁶ No original: “[...] focuses on acknowledging the disruptive force and recreating it in the target language”.

A demonização das relações lésbicas, e por consequência, da própria palavra ‘lésbica’ pode ter se originado como um recurso de oposição ao movimento da primeira onda feminista que, assim como o movimento pelos direitos gay, não contemplavam as pautas especificamente lésbicas (JAGOSE, 1996, p. 45). Em estudo quantitativo sobre identidades lésbicas, Almeida e Heilborn (2008) identificam nas falas das mulheres entrevistadas que “A identidade lésbica, por ser indissociável da feminina, foi referida na fala de entrevistadas como fundamentalmente diferente da identidade gay” (p. 238). Por considerar de demasiada importância a distinção das identidades gay e lésbica⁷, a escolha entre dos dois termos na tradução também me serve como estratégia para, quando possível e o contexto não for prejudicado pela troca, como demonstrarei, utilizar o termo lésbica para descrever as personagens que se descrevem como lésbicas ou gays, estabelecendo, assim, uma identidade lésbica no texto marcada pelo uso da palavra.

Segundo Pêcheux (2019), “as palavras podem mudar de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (p. 64), e é pensando nisso que tomamos cuidado com a seleção entre ‘gay’ e ‘lésbica’, por considerar que o emprego de ‘gay’ pode ter efeito de apagamento da existência lésbica. Esse apagamento da existência lésbica frente ao movimento gay, e até mesmo o movimento feminista, é criticado dentro dessas comunidades, considerando que as lésbicas se sentem “marginalizadas em ambos os movimentos” (JAGOSE, 1996, p. 44).

Por isso, considerando as estratégias de tradução feministas e *queer*, que pretendem tanto a presença ativa da tradutora no texto (GODARD, 1989), quanto a reprodução do que é *queer* no texto de chegada (DÉMONT, 2018), avaliamos os contextos em que as palavras ‘gay’ e ‘lesbian’ aparecem nas *fanfictions*, a fim de questionar quais as implicações de empregarmos um termo ou outro. Desse modo, procuramos reforçar a presença das lesbianidades no texto de chegada por meio do emprego da palavra ‘lésbica’ no lugar de ‘gay’, quando esta substituição não afetaria o sentido para além da presença específica da lesbianidade, por exemplo, quando o texto de partida não causa estranheza. Considero que essa mudança poderia se dar nesse contexto de traduções de *fanfictions* por se tratar de um meio informal

⁷ Mantenho o estudo limitado a apenas essas duas identidades devido ao escopo trabalhado no corpus, no qual a análise se restringe ao uso específico desses dois termos: “gay” e “lésbica”.

de publicações. Essa possível troca de ‘gay’ para ‘lésbica’ não necessariamente deve ser vista como uma correção ao texto de partida. Como tradutora, não posso ter acesso à intenção de quem escreveu em ter escolhido o termo em questão, apenas posso ponderar sobre os possíveis efeitos que esse termo terá para uma recepção pela leitora brasileira. Como o argumento para as escolhas de tradução aqui é a criação de uma identidade queer no texto de chegada — nesse caso a identidade é especificamente lésbica —, a escolha de trocar ‘gay’ por ‘lésbica’ em alguns casos selecionados, mostrados a seguir, é feita com esse intuito de evidenciar no texto a lesbianidade, e não corrigir um possível erro do TP.

O critério principal foi quando o termo ‘gay’ aparece em um contexto falado por uma personagem lésbica se autoafirmando, ou afirmando outra personagem, como tal, essa palavra foi substituída por ‘lésbica’. Já quando outro personagem se refere a uma personagem feminina como ‘gay’, ou quando temos o termo em um contexto de negação, essa palavra é mantida.

SD5: “I’m not missing my movie so that I can watch Elena’s gay love story of the week.”

“This one’s not a gay love story.” (SUNKELLES, 2018)

SD5Tp: — Não vou perder meu filme para assistir a história de amor gay que Elena escolheu para a semana.

— Essa não é uma história de amor gay.

Na SD5, o irmão da personagem que é lésbica diz que não quer assistir aos “filmes gays” da irmã — filmes que geralmente são de fato entre duas mulheres —, o que pode ser entendido como um apagamento da lesbianidade dentro da categoria “gay”. Visto que aqui o personagem tem uma atitude negativa em relação às tais “histórias gays”, considero que deva se manter o termo ‘gay’, pois mantém o sentido de que o personagem que o diz não tem preocupação com a representação da lesbianidade.

Na mesma *fanfiction*, ao falar sobre a sexualidade da filha, a personagem usa a palavra ‘lesbian’. Por isso acreditamos ser importante manter essa distinção no texto de chegada. Aqui talvez seja mais interessante manter a coerência interna do texto, do que traduzir para ‘lésbica’, evidenciando a essa existência, mas apagando a diferença de sentido entre dizer que uma mulher é ‘gay’ e dizer que é ‘lésbica’.

SD6: “My daughter’s a lesbian”. (SUNKELLES, 2018)

SD6Tp: — Minha filha é lésbica.

Na sequência abaixo, considere que a tradução de ‘gay’ para ‘lésbica’ serviria melhor ao contexto. Voltando à SD1, vejamos as traduções imaginadas:

SD1: “Welcome to Sapphic Junipero,” Elena says, “population: crying gay women.” (SUNKELLES, 2018)

SD1Tp: — Bem-vinda à Sáfica Junipero — disse Elena, — população: lésbicas chorosas.

Na SD1, usar ‘mulheres gays’ parece contrastar com o uso da palavra ‘sáfica’ anteriormente, que é específica e refere-se somente a mulheres. Portanto, para essa SD, considere que a tradução para ‘lésbicas’ se encaixa melhor com o contexto.

Além de lidar com os termos ‘*lesbian*’ e ‘*gay*’, encontramos termos que podem ser considerados neologismos como ‘*lesbian-ness*’ ou ‘*gayness*’.

SD7: “While they were definitely interested in the relationship between the two of them, they were mostly infatuated with my mother’s combination of high-class business and lesbian-ness”. (PURPLEHERSHEY, 2015)

SD7Tp: — Enquanto estavam interessadas no relacionamento entre as duas, elas estavam mais cativadas com a combinação que minha mãe fazia entre alta profissionalidade e lesbianidade.

Voltando à SD7, percebemos o uso da expressão ‘*lesbian-ness*’, em vez da mais conhecida ‘*lesbianism*’. Em inglês, o sufixo *-ism*⁸ representa os mesmos usos do sufixo *-ismo*⁹ do português, servindo para significar modo de pensamento ou movimento, característica ou qualidade, comportamento, doença, quadro patológico, entre outros. Além disso, o sufixo *-ismo* remete à categorização do homossexualismo como doença e à exigência da comunidade para a troca do termo para ‘homossexualidade’, devido ao ‘homossexualismo’ referir-se à

⁸ Cf. [https://www.merriamwebster.com/dictionary/ism#:~:text=noun%20suffix,a%20\(specified\)-%20attribute%20racism%20sexism](https://www.merriamwebster.com/dictionary/ism#:~:text=noun%20suffix,a%20(specified)-%20attribute%20racism%20sexism).

⁹ Cf. <http://www.aulete.com.br/-ismo>.

orientação sexual como uma patologia. Dessa forma, o termo ‘homossexualidade’ “aparece, numa dada conjuntura, como estratégia de substituição lexical e de “apagamento” dessa relação entre os homossexuais e uma patologia na sexualidade.” (FRANÇA, 2015, p. 7). Considerei que traduzir ‘*lesbian-ness*’ para ‘lesbianismo’ seria abrir a possibilidade de o sentido deslizar para outra FD, que remeteria a saberes preconceituosos devido à classificação patológica da sexualidade. Portanto, sugerimos a tradução para ‘lesbianidade’, que possui o sufixo *-idade*¹⁰ com função semelhante ao sufixo inglês *-ness*¹¹, além de ser o mesmo sufixo de ‘homossexualidade’.

Ademais, no TP há a aliteração do sufixo *-ness*, com ‘*business*’ e ‘*lesbian-ness*’, portanto sugerimos a tradução para “profissionalidade e lesbianidade”, para manter a aliteração.

Já a SD seguinte nos apresenta um desafio similar, mas que exige outras soluções:

SD8: “And she what? Wants to interview you for your job?” Regina smiled and bit her lip, “and my newfound gayness.” (PURPLEHERSHEY, 2015)

SD8Tp: — E ela quer o quê? Entrevistá-la sobre seu trabalho? — Regina sorriu e mordeu o lábio — E minha recente lesbianidade.

A tradução apresenta o termo ‘*gayness*’. Considerando que, usando a mesma estratégia da sequência anterior, ‘*gaydade*’ soaria estranho à leitora brasileira, procuramos outras formas. Para o radical ‘*gay*’, há o termo informal ‘*gayzice*’, porém, esse termo é utilizado em contextos derogatórios, o que levaria a tradução a ter uma carga negativa desnecessária. Portanto, sugerimos a repetição de ‘lesbianidade’, para manter o sentido, além de reforçar a presença lésbica em relação a *gay*.

5 Considerações finais

Este trabalho foi movido pelo questionamento acerca dos possíveis efeitos de sentido que podem ser evocados a partir de uma tradução de textos *queer*. Acionando a noção de formação discursiva da AD pecheutiana, busquei explorar os deslocamentos de sentido entre FDs e questioneei o que isso significa na prática no que concerne à tradução de textos com essa

¹⁰ Cf. <http://www.aulete.com.br/-idade>.

¹¹ Cf. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/-ness>.

temática. Tendo em mente que o movimento *queer* se pretende subversivo, proponho recriar essa força subversiva através do processo tradutório.

Os Estudos de Tradução me guiaram na direção da tradutora-autora, que produz sentidos, e que deve fidelidade aos seus leitores, e não à intenção inalcançável do autor. Os Estudos Feministas de Tradução me levaram ao posicionamento frente ao texto, manipulando-o de acordo com os ideais feministas. Através da junção dos Estudos da Tradução aos Estudos *Queer*, passei a questionar o posicionamento no processo tradutório frente a textos *queer*.

Como explicado ao longo do trabalho, escolhi o gênero da *fanfiction* pela forte conexão que sinto entre esse gênero e nossa identificação e representatividade como comunidade *queer*. Ou, nos termos na Teoria *Queer*, pela nossa desidentificação com a normatividade imposta. O questionamento sobre traduzir e recriar o que é *queer* no texto de chegada, por sua vez, levantou outro questionamento, que pode/deve ser levado para além deste trabalho, que é acerca de como reproduzir, no texto de chegada, o sentimento de desidentificação dentro dos moldes linguísticos que conhecemos e, além disso, como fazê-lo dentro da realidade brasileira.

Pela Análise do Discurso pecheutiana, observei a *fanfiction* como lugar onde movimentações de sentidos acontecem. Precisamente, eram os movimentos de sentidos de gênero e sexualidade que pretendi examinar. Olhando através dos estigmas entre “alta” e “baixa” literatura, foi possível compreender a *fanfiction* como recurso pelo qual os(as) fãs expressam seus desejos e considerar a tradução desses desejos com a responsabilidade de representá-los para uma comunidade acostumada ao silenciamento.

Nas análises, procurei observar os movimentos de sentido em *fanfictions queer* entre o par inglês–português. Como visto, o português exige a marcação de gênero, o que pode ser uma imposição desagradável para uma linguagem inclusiva, mas por outro lado, permite adicionar a presença do feminino no texto de chegada, o que pode ser encarado como um efeito desejável para a tradução de histórias lésbicas. Ademais, há algumas diferenças entre as referências culturais anglófonas e a brasileira. Meu questionamento entre manter a referência e o efeito de estrangeirização ou adaptar a referência para algo conhecido da leitora brasileira me levou a considerar o efeito de reconhecimento mais importante que o estranhamento, devido ao reconhecimento da referência ser fundamental para a leitura do texto como *queer*.

Por último, discuti a diferença de efeitos de sentido em empregar ‘gay’ ou ‘lésbica’ para referir a uma mulher. Considerando o que foi visto nas análises, sugeri que se opte pelo termo ‘lésbica’ quando for possível o reforço da nossa visibilidade, devido ao apagamento frente ao termo ‘gay’. Aqui, tomamos o movimento de visibilidade lésbica como *queer* pela força contestadora de um movimento que se opõe à norma, mas não deixamos de destacar a importância de focarmos na visibilidade das lésbicas especificamente.

Por fim, é importante reafirmar que, assim como as *fanfictions* questionam os papéis de gênero e de sexualidade, este trabalho questiona as escolhas e os posicionamentos durante o processo tradutório frente a um texto *queer*. É a partir do questionamento que entendemos mais profundamente o que acontece com essas representações e representatividades, como elas se manifestam na língua e como podemos pensar em lidar com elas.

Referências

- ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30947>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- AUBERT, F. H. **As (in) fidelidades da tradução**: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- BRIDGES, E. A genealogy of queerbaiting: Legal codes, production codes, ‘bury your gays’ and ‘The 100 mess’. **The Journal of Fandom Studies**, v. 6, n. 2, p. 115-132, 2018. https://doi.org/10.1386/jfs.6.2.115_1
- DÉMONT, M. On three modes of translating queer literary text. In: BAER, B. J.; KAINDL, K. **Queering Translation, translating the queer**: Theory, practice, activism. New York: Routledge, 2018. p. 157-171. <https://doi.org/10.4324/9781315505978-12>
- FRANÇA, T. A. “Homossexualismo” ou “Homossexualidade”: o politicamente correto e a literalidade pensado à luz da análise de discurso pecheutiana. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 7., 2015. Anais... s.l.: s.e., 2015. p. 01-08.
- GODARD, B. Theorizing Feminist Discourse / Translation. **Tessera**, v. 6, 1989. Disponível em: <https://tessera.journals.yorku.ca/index.php/tessera/article/view/23583>. Acesso em: 27 jan. 2022. <https://doi.org/10.25071/1923-9408.23583>
- GONÇALVES, J. A.; DE CARVALHO, A. R. R. F. Lesbianidade e psicologia na contemporaneidade: uma revisão sistemática. **Gênero**, Niterói, v. 20, n. 1, p. 135-156, 2. sem. 2019. <https://doi.org/10.22409/rg.v20i1.38495>

HARVEY, K. Gay Community, Gay Identity and the Translated Text. **TTR: Traduction, terminologie, rédaction**, v. 13, n. 1, p. 137-165, 2000. <https://doi.org/10.7202/037397ar>

HENGE, G. da S. **Feitos e efeitos discursivos no processo tradutório do literário**: uma discussão sobre o fazer tradutório da obra *Pride and Prejudice* de Jane Austen. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

JAGOSE, A. **Queer Theory**: An Introduction. New York: New York University Press, 1996.

JAMES, Kate. Speaking in the Feminine’: Considerations for Gender-Sensitive Translation. **Translation Journal**, v. 16, n. 12, 2011. Disponível em: <https://translationjournal.net/journal/56feminine.htm>. Acesso em: 20 mar. 2022.

JENKINS, H. **Textual Poachers**: Television Fans and Participatory Culture. New York and London: Routledge, 1992.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MITTMANN, S. Tradutorias de cien años de soledad. **Organon**, v. 27, n. 53, p. 65-78, 2012. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.35777>

PÊCHEUX, M. Análise de conteúdo e teoria do discurso. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony; MARIANI, Bethania S. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso. *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2019. p. 63-74.

REIS, F.; LEAL, I. Ler, escrever e traduzir fanfictions: os limites entre autoria, adaptação e tradução. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 14., 2014, Belém. **Anais Eletrônicos...** Belém, PA: Abralic, 2014. p. 1-10.

REIS, F. S. F. Tradução de fanfictions: comparação entre as práticas de tradução em grupos antigos e atuais. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 4, n. 2, p. 45–53, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11334>. Acesso em: 13 fev. 2022. <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v4.n2.2015.11334>

RUSSO, J. L. The Queer Politics of Femslash. *In*: CLICK, M. A.; SCOTT, S. **The Routledge Companion to Media Fandom**. New York and London: Routledge, 2017. p. 155-164. <https://doi.org/10.4324/9781315637518-20>

Referências das fanfictions

SUNKELLES. Two Badass Lady Veterans. 2018. Disponível em: <https://www.archiveofourown.org/works/13710435>. Acesso em 6 jul. 2021.

PURPLEHERSHEY. **The Art of Being Extraordinary.** 2015. Disponível em: <https://www.fanfiction.net/s/10971727/1/The-Art-of-Being-Extraordinary>. Acesso em: 28 ago. 2021.

KENDRICKCAMPS. **Kimmy Has a Revelation!** 2017. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/10894434>. Acesso em: 6 jul. 2021.

FICTORIUM. **The Right Thing.** 2010. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/96194/chapters/131639>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Recebido em: 06.07.2021

Aprovado em: 27.01.2022